

CASAS DE MADEIRA DE CURITIBA: DOCUMENTAÇÃO E PERMANÊNCIAS (1920–1940)

Marcos José Carrilho

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie | marcos.carrilho@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: História, Memória e Patrimônio

Resumo: Este artigo examina a produção de casas de madeira em Curitiba entre 1920 e 1940 a partir de um conjunto documental de notável riqueza: os processos de licenciamento do Arquivo Público Municipal, que reúnem plantas, cortes, fachadas e informações sobre proprietários, profissionais responsáveis e localização das obras. É a partir dele que o trabalho reconstrói, de modo sistemático, o repertório tipológico do período. Metodologicamente, o estudo combina a leitura de um conjunto amostral de processos com a comparação de exemplares remanescentes e registros fotográficos históricos, articulando análise arquitetônica e contextualização econômico-ambiental da cadeia da madeira de araucária. Questiona leituras que classificam esse repertório como expressão vernáculo homogênea e propõe uma interpretação baseada na noção de tipo arquitetônico (Quatremère de Quincy; Argan) e em uma abordagem tipológico-morfológica (Muratori; Caniggia). Demonstra que muitas casas resultam de produção tecnicamente mediada por arquitetos, engenheiros e construtores, associada à oferta industrial de madeira de araucária, e que sua compreensão exige articular cultura construtiva, normas urbanas e história ambiental. O estudo identifica famílias de formas-tipo e variantes (chalés, “bungalows”, casas mistas), discutindo permanências e transformações e indicando implicações para o reconhecimento de seu valor histórico e cultural.

Palavras-chave: arquitetura vernáculo; casas de madeira; tipo arquitetônico; Curitiba; araucária.

WOODEN HOUSES IN CURITIBA: DOCUMENTATION AND CONTINUITIES (1920–1940)

Abstract: This article examines the production of wooden houses in Curitiba between 1920 and 1940 drawing on a remarkably rich body of documents: the building-permit files of the Municipal Public Archive, which bring together floor plans, sections, elevations, and information on owners, responsible professionals, and the location of each work. It is from this collection that the study systematically reconstructs the typological repertoire of the period. Methodologically, the research combines the systematic reading of a sample of permit files with the comparison of surviving examples and historical photographic records, articulating architectural analysis with the economic and environmental contextualization of the araucaria timber chain. It challenges readings that classify this repertoire as a homogeneous vernacular expression and proposes an interpretation grounded in the notion of architectural type (Quatremère de Quincy; Argan) and in a typological-morphological approach (Muratori; Caniggia). It demonstrates that many houses result from technically mediated production by architects, engineers, and builders, associated with the industrial supply of araucaria timber, and that understanding them requires articulating building culture, urban regulations, and environmental history. The study identifies families of type-forms and their variants (chalets, bungalows, mixed construction houses), discussing continuities and transformations and indicating implications for the recognition of their historical and cultural value.

Keywords: vernacular architecture; wooden houses; architectural type; Curitiba; araucaria.

CASAS DE MADERA EN CURITIBA: DOCUMENTACIÓN Y PERMANENCIAS (1920–1940)

Resumen: Este artículo examina la producción de casas de madera en Curitiba entre 1920 y 1940 a partir de un conjunto documental de notable riqueza: los expedientes de licencias de obra del Archivo Público Municipal, que reúnen plantas, cortes, alzados e información sobre propietarios, profesionales responsables y localización de las obras. Es a partir de este acervo que el trabajo reconstruye, de modo sistemático, el repertorio tipológico del período. Metodológicamente, el estudio combina la lectura de un conjunto muestral de expedientes con la comparación de ejemplares supervivientes y registros fotográficos históricos, articulando análisis arquitectónico y contextualización económico-ambiental de la cadena de la madera de araucaria. Cuestiona lecturas que clasifican ese repertorio como expresión vernácula homogénea y propone una interpretación basada en la noción de tipo arquitectónico (Quatremère de Quincy; Argan) y en un enfoque tipológico-morfológico (Muratori; Caniggia). Demuestra que muchas casas resultan de una producción técnicamente mediada por arquitectos, ingenieros y constructores, asociada a la oferta industrial de madera de araucaria, y que su comprensión exige articular cultura constructiva, normativas urbanas e historia ambiental. El estudio identifica familias de formas-tipo y variantes (chalés,

bungalows, casas mixtas), discutiendo permanencias y transformaciones e indicando implicaciones para el reconocimiento de su valor histórico y cultural.

Palabras clave: arquitectura vernácula; casas de madera; tipo arquitectónico; Curitiba; araucaria.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre casas de madeira no Paraná têm sido desenvolvidos principalmente a partir das observações empíricas de exemplares remanescentes. Em geral, esses trabalhos descrevem características formais e ornamentais, estabelecem filiações culturais amplas e articulam interpretações sobre tradição e identidade regional. O resultado é, não raro, um acúmulo de extrapolações: a leitura da casa de madeira como produto vernáculo homogêneo e espontâneo convive com classificações tipológicas pouco verificáveis e com afirmações sobre origem e difusão sem apoio de fontes documentais.

Ao mesmo tempo, a presença histórica de casas de madeira constitui traço singular na paisagem urbana de diversas cidades do Sul, e foi particularmente marcante em Curitiba. A aproximação do núcleo central, ao longo das primeiras décadas do século XX, expunha um repertório de edificações de madeira que não se restringia às franjas urbanas. Ele comparecia também em áreas consolidadas, por vezes no alinhamento da via, por vezes recuado, ora assumindo com altivez a textura do tabuado, ora disfarçando-a mediante soluções híbridas. Essa produção, entretanto, vem desaparecendo continuamente, substituída por novas edificações, sem reconhecimento de sua relevância cultural e histórica.

Este artigo propõe reexaminar a produção de casas de madeira em Curitiba entre 1920 e 1940 a partir de um conjunto de fontes pouco exploradas: os pedidos de licenciamento existentes no Arquivo Municipal de Curitiba, cujo acervo inclui plantas, cortes, fachadas, e informações sobre proprietários, profissionais responsáveis e localização. O argumento principal considera que uma parcela significativa desse repertório resulta de uma produção tecnicamente mediada, realizada por engenheiros e arquitetos, e a sua compreensão, portanto, exige uma articulação entre cultura construtiva, disponibilidade material e formação de tipos arquitetônicos. Em lugar de tomar a caracterização de vernáculo como rótulo autoexplicativo, esta análise busca precisar o sentido do termo e confrontá-lo com a categoria de tipo, tal como formulada por Quatremère de Quincy e historicizada por Giulio Carlo Argan, estendendo-a à noção tipológico-morfológica desenvolvida por Saverio Muratori e Gianfranco Caniggia.

Metodologicamente, o trabalho combina a leitura sistemática de um conjunto amostral de processos de licenciamento no intervalo entreguerras, com ênfase na identificação de recorrências volumétricas, espaciais e construtivas; a sua comparação com exemplares remanescentes e com registros fotográficos históricos; e a contextualização econômico-ambiental da cadeia da madeira de araucária, incorporando críticas contemporâneas formuladas nas décadas de 1930 e 1940 por Frederico Carlos Hoehne e Reinhard Maack. O objetivo é demonstrar que as casas de madeira constituem parte significativa da cultura material urbana de Curitiba e que sua análise, ao articular tipo e vernáculo, permite compreender a historicidade do repertório e fundamentar seu valor histórico e sua relevância cultural.

2. ARQUITETURA VERNÁCULAR, CULTURA CONSTRUTIVA E TIPO ARQUITETÔNICO

A expressão "arquitetura vernácula" consolidou-se no debate internacional ao longo do século XX, em grande medida como reação à narrativa canônica centrada em autores, estilos e obras eruditas. Bernard Rudofsky chamou atenção para a vasta produção "sem pedigree" e para sua integração ambiental e espacial, deslocando o olhar do campo disciplinar para práticas anônimas e coletivas. Paul Oliver, por sua vez, definiu o vernáculo como "a linguagem arquitetônica do povo", com seus "dialetos étnicos, regionais e locais", sendo "produto de não-especialistas" (OLIVER, 2006).

Essas formulações contribuíram decisivamente para legitimar o vernáculo como objeto de estudo histórico e cultural. Contudo, sua aplicação requer cautela. Em muitos contextos urbanos do século XX — como o de Curitiba — as fronteiras entre produção "popular", "tradicional" e "cult" são porosas. A presença de desenho técnico, a atuação de profissionais formados e a circulação de repertórios estilísticos não anulam a dimensão vernácula da cultura construtiva; mas também impedem que se atribua à casa de madeira uma condição de espontaneidade pura. O vernáculo, aqui, deve ser entendido como um domínio de práticas e de saber — e não como sinônimo de ausência de mediação técnica.

É justamente para evitar a confusão entre repertório formal e origem cultural que a noção de tipo arquitetônico se torna útil. Quatremère de Quincy distinguiu o tipo do modelo: enquanto o modelo é um objeto a ser repetido tal como é, o tipo é um princípio gerador, abstrato, a partir do qual é possível conceber obras distintas (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1832, verbete "Type"). Argan, ao retomar a distinção, deslocou-a para uma história social do projeto: o tipo não é forma ideal nem arquétipo atemporal; é uma estrutura histórica constituída pela sedimentação de funções, técnicas e valores sociais, orientando o processo projetual sem fixar uma forma única (ARGAN, 1965: 75–81).

No universo italiano, Muratori e, mais tarde, Caniggia e Maffei propuseram compreender o tecido urbano como resultado de transformações cumulativas das edificações correntes. O vernáculo, nessa perspectiva, é o estrato fundamental pelo qual se formam e se transmitem tipos edilícios ao longo do tempo. A tipologia, portanto, não se limita a um inventário de formas; ela é uma leitura histórica das permanências e variações de um processo construtivo e urbano. Aplicado a Curitiba, esse quadro permite identificar as casas de madeira do entreguerras como formas-tipo historicamente definidas, que admitem variações sem perder sua estrutura recorrente — interessa menos estabelecer genealogias culturais genéricas do que reconstruir, a partir da documentação, como determinadas soluções se sedimentaram e se difundiram, articulando disponibilidade de madeira serrada, normas municipais, atividade profissional e demandas funcionais e de representação social.

Uma dificuldade recorrente na bibliografia regional é a sobreposição entre vernáculo e popular. A casa de madeira curitibana do entreguerras pode ser simultaneamente resultado de uma cultura construtiva difundida, com procedimentos relativamente padronizados; objeto de projeto realizado por profissionais habilitados; e produto imobiliário de um mercado urbano em expansão. O termo popular, quando empregado, deve referir-se menos a uma origem social homogênea e mais a formas de difusão e apropriação. Também é frequente a confusão entre tipo e arquétipo: o tipo é uma regra operativa historicamente constituída, enquanto o arquétipo é uma noção trans-histórica. A distinção de Quatremère de Quincy, retomada por Argan, impede essa naturalização. Por fim, a análise tipológica permite repor o debate sobre influências culturais: em vez de buscar uma origem única filiada à procedência de imigrantes, ela examina como repertórios circulam e são rearticulados na prática, tornando visível a plasticidade como dado histórico central.

3. EXPLORAÇÃO DA MADEIRA, INDÚSTRIA MADEIREIRA E ESGOTAMENTO DAS FLORESTAS DE ARAUCÁRIA

A produção de casas de madeira em Curitiba encontra sua base material na história da Floresta com Araucária (Floresta Ombrófila Mista), que cobriu extensas áreas dos planaltos meridionais. A madeira de araucária, por suas propriedades físicas e pela abundância então percebida como inesgotável, tornou-se um insumo decisivo para a economia regional. A expansão ferroviária no final do século XIX e início do XX, associada à instalação de serrarias e ao crescimento de empresas madeireiras, intensificou a exploração e viabilizou o fornecimento de madeira serrada em larga escala, insumo indispensável ao setor da construção civil.

A crítica contemporânea ao caráter predatório desse processo é particularmente explícita em *Araucarilândia* (1930), de Frederico Carlos Hoehne. Logo na abertura, o autor defende que proteger as florestas é salvaguardar um patrimônio irrecuperável (HOEHNE, 1930, p. 5). Ao percorrer localidades alcançadas pela ferrovia, Hoehne observa que as florestas desaparecem sem grandes benefícios aos habitantes e projeta um horizonte de decadência territorial em poucas décadas (HOEHNE, 1930, p. 6). Suas observações relacionam devastação e práticas construtivas: o pinho "fornece o material para as primeiras casas mais ligeiras", e quando essas habitações se tornam imprestáveis, as paredes externas podem ser substituídas por alvenaria, mantendo-se o tabuado nas divisórias internas (HOEHNE, 1930, p. 32). Há, portanto, uma percepção clara de que a casa de madeira é solução tecnicamente racional em um contexto de oferta abundante, e um elo em cadeias de substituição e transformação edilícia.

Na década de 1940, Reinhard Maack aprofunda a percepção geográfica da devastação, vinculando-a à expansão agrícola, à ocupação territorial e à ausência de políticas de conservação. Suas análises destacam que o corte raso, a queima recorrente e a pressão

sobre áreas remanescentes tornam improvável a recomposição espontânea da floresta, configurando um processo cumulativo de empobrecimento ambiental e paisagístico. A partir desse quadro, as casas de madeira podem ser compreendidas como produção situada em uma conjuntura histórica específica: sua difusão dependeu de enorme disponibilidade material e de racionalização produtiva que continha, paradoxalmente, as condições de seu próprio esgotamento. O tema ambiental não constitui, portanto, mero pano de fundo: ele incide diretamente na compreensão do repertório tipológico. A padronização de seções, a facilidade de montagem, a economia de canteiro e a flexibilidade para reformas são dimensões que se relacionam à cadeia produtiva da madeira. Além disso, o reconhecimento do horizonte de esgotamento confere às casas de madeira um valor histórico adicional: elas são testemunhos materiais de um regime de exploração que alterou profundamente a paisagem regional.

Esse quadro permite compreender por que a casa de madeira comparece como sistema de construção estável, econômico e eficaz, respondendo a demanda residencial em várias faixas sociais. O testemunho de Hoehne sobre o "cunho original" e o "certo conforto" das casas de pinho (HOEHNE, 1930, p. 32) é revelador: o uso da madeira não implicava precariedade. O valor social dessa aparência material transformou-se ao longo do tempo, e na segunda metade do século XX muitas casas passaram a ocultar a madeira pela sobreposição de revestimentos ou ocultação por fachadas de alvenaria.

4. PRODUÇÃO DE CASAS DE MADEIRA EM CURITIBA (1920–1940): DOCUMENTAÇÃO E CONTEXTO

Os processos de licenciamento consultados no Arquivo Público Municipal de Curitiba permitem medir, com nitidez, a presença estrutural da madeira na produção edilícia urbana do entreguerras. A tabela compilada a partir dos alvarás municipais indica, entre 1920 e 1940, um total de 8.900 licenças, das quais 1.897 correspondem a edificações em madeira (21,31%). Em determinados anos a participação é muito mais elevada: em 1928, registram-se 126 casas de madeira em 320 licenças (39,38%); em 1929, 206 em 486 (42,39%); e em 1931, 209 em 513 (40,74%). Esses percentuais — próximos à metade do total — sugerem não apenas vitalidade, mas uma paisagem urbana em que a madeira era componente ordinário do crescimento da cidade.

Esse quadro quantitativo encontra correspondência nos registros fotográficos de Arthur Wischral. Imagens panorâmicas de bairros curitibanos na década de 1930 — como a vista do Juvevê — documentam frentes de urbanização em que se multiplicam casas de madeira, com lotes ainda pouco densos e uma trama urbana em formação. Nesses registros, a madeira aparece como material corrente da casa urbana, e não como resíduo rural, reforçando a hipótese de que se poderia falar, sob certo aspecto, em uma "cidade de madeira".

Figura 1

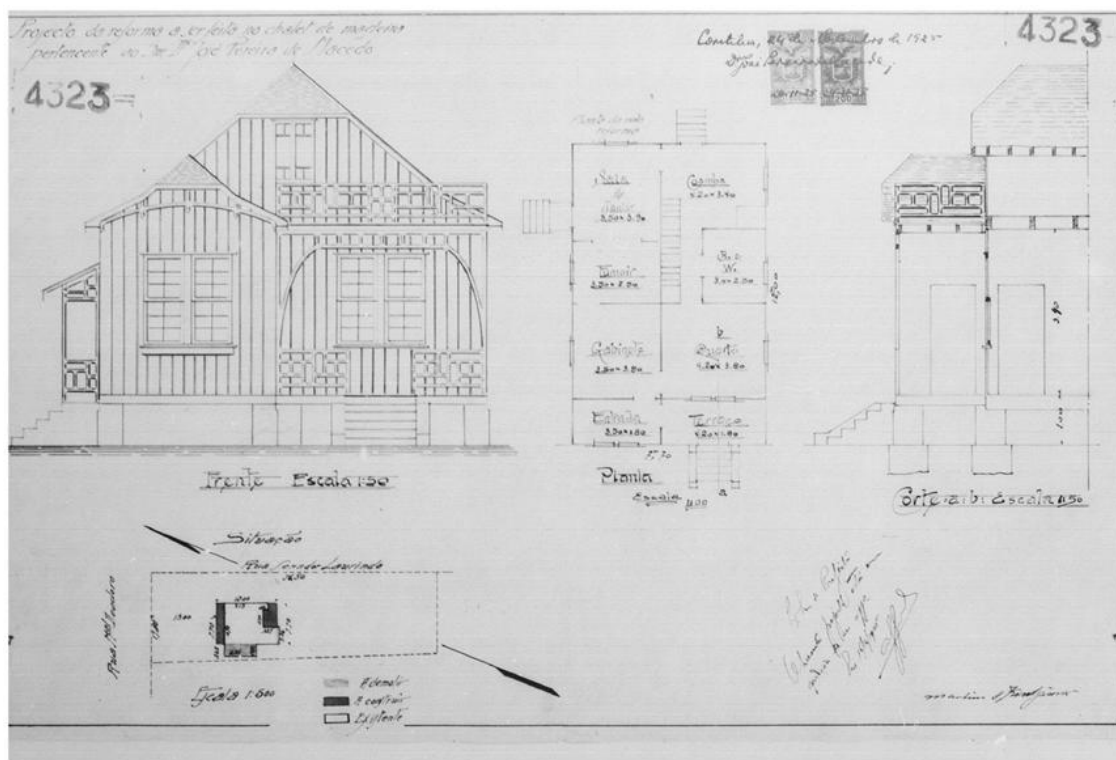


Vista do bairro do Juvevê, Curitiba. Cartão postal, foto Arthur Wischral, Acervo Paulo José da Costa.

A documentação de licenciamento também permite qualificar a produção do ponto de vista arquitetônico, identificando repertórios, seus promotores e características projetuais. A década de 1920 reúne um repertório diversificado, parecendo caracterizar um período de transição no qual comparecem exemplares mantendo elementos das formas pioneiras, configurações de plantas e volumetrias elementares, retângulo dividido em quatro partes e cobertura de duas águas. Ainda persistem alpendres em muitos exemplares. Pouco a pouco começam a surgir novas formas, também contidas em volumes compactos, mas introduzindo coberturas de quatro águas ou de pavilhão. Há muitas ocorrências de projetos de pares de casas ou de casas geminadas, indicativos de investimentos para renda.

Albano Cunha assina grande número de projetos em meados da década, muitos repetidos sucessivamente. Martins & Kirchgassner também atuam intensamente, ora com formas elementares, ora com soluções mais elaboradas, como no projeto de 1925 para José Pereira Macedo, que combina à planta retangular o volume saliente da "Entrada" com arco decorativo e "Terraço" de cobertura plana, com guarda-corpo trabalhado.

Figura 2



Projeto para o Sr. José Pereira de Macedo, Rua Marechal Deodoro, Martins & Kirchgassner, 1925. Fonte: Departamento de Arquivo Público Municipal – Curitiba.

8

O ano de 1928 apresenta uma produção expressiva: 120 projetos e a autoria se diversifica, surgindo construtores mais estruturadas como Claassem & Pinnow ou a Empresa Technica Construtora do Eng. João Moreira Garcez. Alguns profissionais se associam, a exemplo de Bettles e Cunha, com seu carimbo estampado nos desenhos.

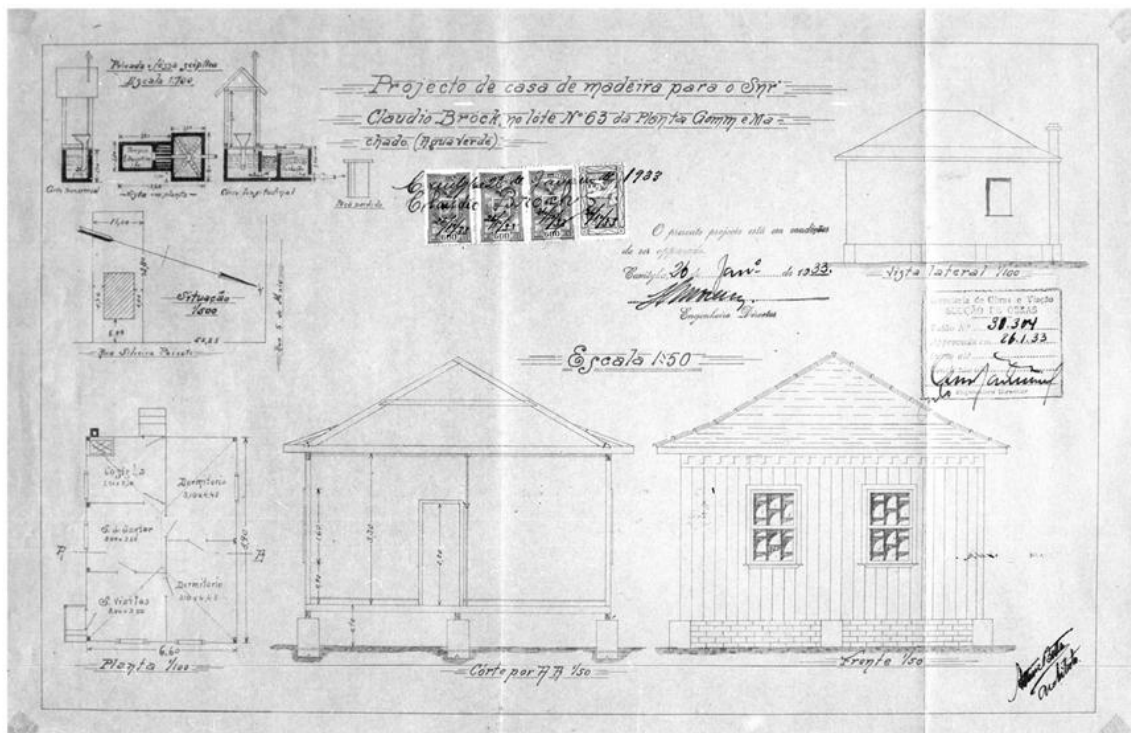
A diversidade persiste reunindo um conjunto de obras simples, quatro cômodos e duas águas, lambrequins nos beirais, agregando em outros um alpendre, algumas vezes paralelos à rua, com acesso central. Mas a presença de volumes e cobertura em quatro águas se torna frequente, em alguns casos mais complexa, com águas transversais para permitir aberturas de iluminação do sótão. A ornamentação se refina, ora apresentando traços Art Nouveau, ora com elementos menos rebuscados.

Um segundo conjunto de arquivos de projetos realizados no início da década de 1930 permite perceber uma considerável transição formal nesta época. Compõe uma amostragem rica em expressão arquitetônica e representativa de transformações ocorridas no período, seja em relação à difusão de casas de madeira, seja em relação à sua assimilação por extratos mais amplos na escala social, a julgar pelo padrão das edificações. As casas deixam de ter alpendres, os beirais perdem os lambrequins, mas persistem algumas formas tradicionais de fachadas. Os volumes se tornam mais contidos, ganhando formas assimiladas de outras fontes, do repertório de habitações burguesas, onde comparecem alguns dispositivos de contextos distintos. Não

respondem a tendências locais, mas formulam alternativas de algum sincretismo cultural, mais afeito a um repertório centro-europeu, mesclado com o gosto anglo-saxão, onde comparecem as "bay-windows" e varandas sugestivas de "bungalows", expressão com que passam a ser designados com frequência. Parecem constituir um produto mais culto, e são elaborados por profissionais qualificados, de formação superior, especialmente os engenheiros civis. Do primeiro tipo, mais austero e conciso, assimilam uma forma menos aberta, desprovida da relação franca dos alpendres corridos, para adquirir uma configuração mais compacta, voltada ao interior, permitindo apenas as expansões volumétricas facetadas, porém contidas e recatadas. As dimensões aumentam, se tornam mais confortáveis, proporcionando ambientes mais amplos.

O repertório formal de seus componentes cresce e se diversifica, aparecendo vãos mais amplos, janelas tripartidas, uso profuso de subdivisão das folhas envidraçadas e incorporação de venezianas. Os parapeitos e guarda-corpos deixam a austeridade dos balaústres de seção quadrada para adquirir uma profusão de formas. As escadas de alvenaria marcam o ingresso, com desenhos mais elaborados e o fechamento dos vãos de ventilação são preenchidos de alvenaria com gateiras ou de tijolos alternados. A casa para o Sr. Claudio Brock, no bairro da Água Verde, ilustra bem este esquema. Apesar de sua contenção e simplicidade, esta pequena residência apresenta uma cimalha com dentículos, sugerindo referência a ornamentação de tradição clássica.

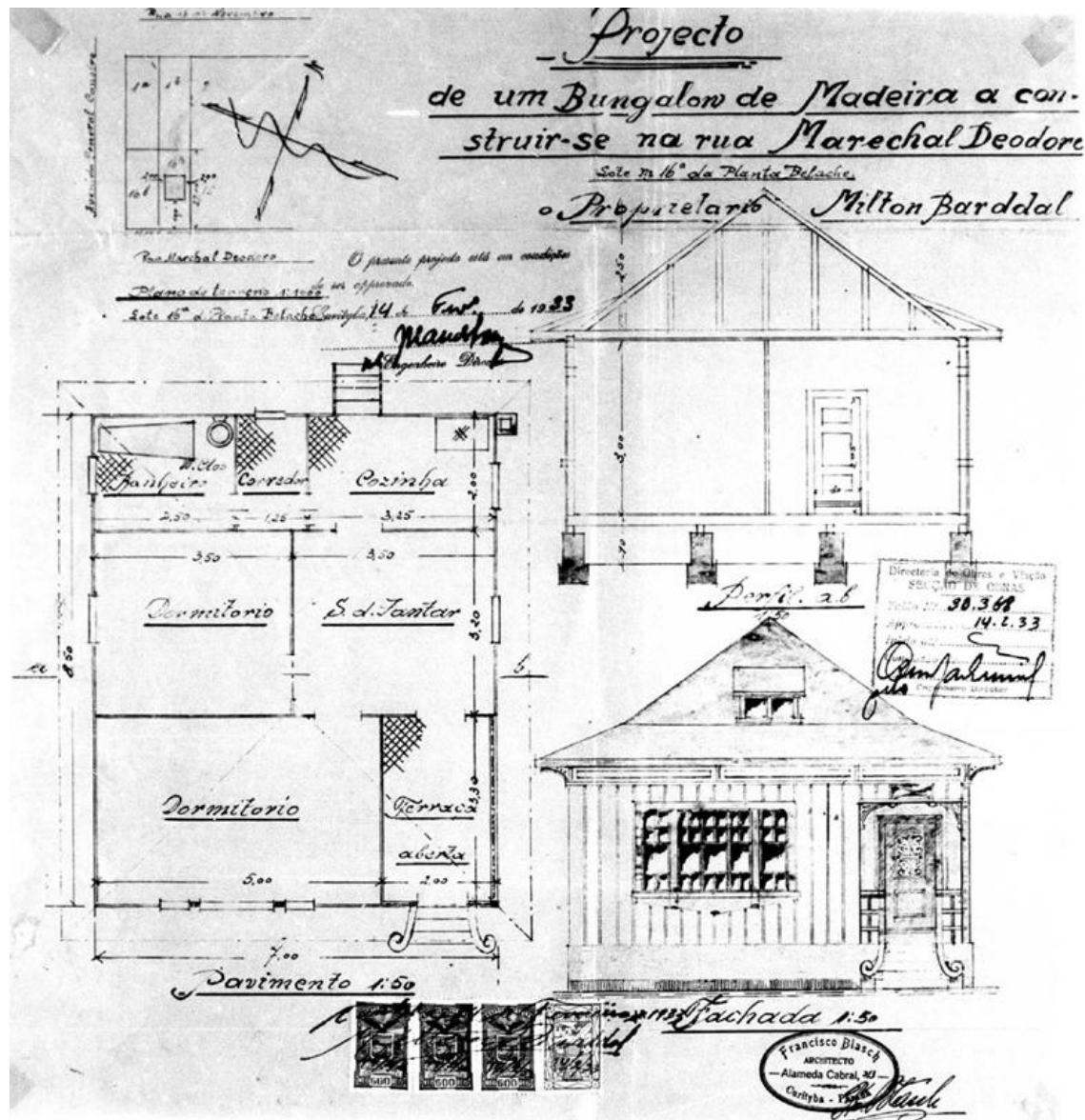
Figura 3



Projeto para o Sr. Claudio Brock, 1933, Rua Silveira Peixoto, Arq. Arthur Bettet. Fonte: Departamento de Arquivo Público Municipal – Curitiba.

O Arq. Francisco Blasch projetou para o sr. Milton Barddal um Bungalow de madeira à Rua Marechal Deodoro. Residência modesta, 7,00 x 8,50 m, mas de projeto cuidadoso: dois dormitórios, sala de jantar, cozinha, varanda e banheiro incorporados no volume. A elevação simples é elaborada com refinamento, considerados o desenho da escada de acesso, a ampla janela do dormitório, a cimalha sob o beiral e a água furtada no telhado.

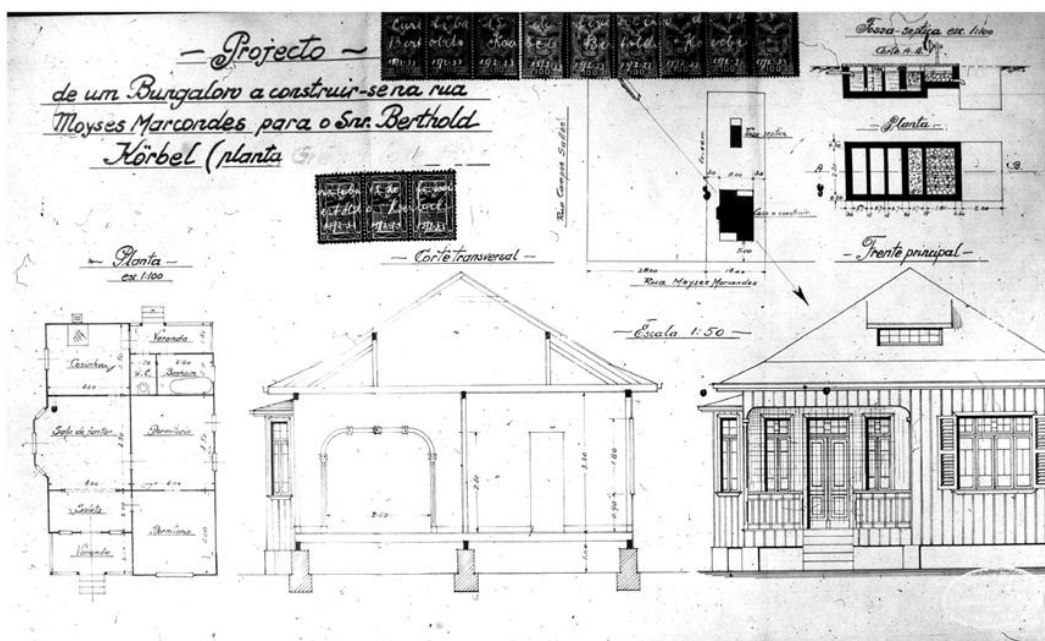
Figura 4



Projeto de um "Bungalow de Madeira" para o Sr. Milton Barddal, 1933, Rua Marechal Deodoro. Arq. Francisco Blasch. Fonte: Departamento de Arquivo Público Municipal – Curitiba.

Outra residência do mesmo autor, para o Sr. Berthold Körbel, à Rua Moisés Marcondes, apresenta uma distribuição em sequência: de um lado, varanda, saleta, sala de jantar e cozinha; de outro, dois dormitórios, "water closet" e banheiro acessíveis pela varanda posterior. O autor dedica grande atenção às aberturas: janela de quatro folhas com bandeira e veneziana, abertura tripla na saleta, "bay-window" entre saleta e sala de jantar, e água furtada no telhado.

Figura 5

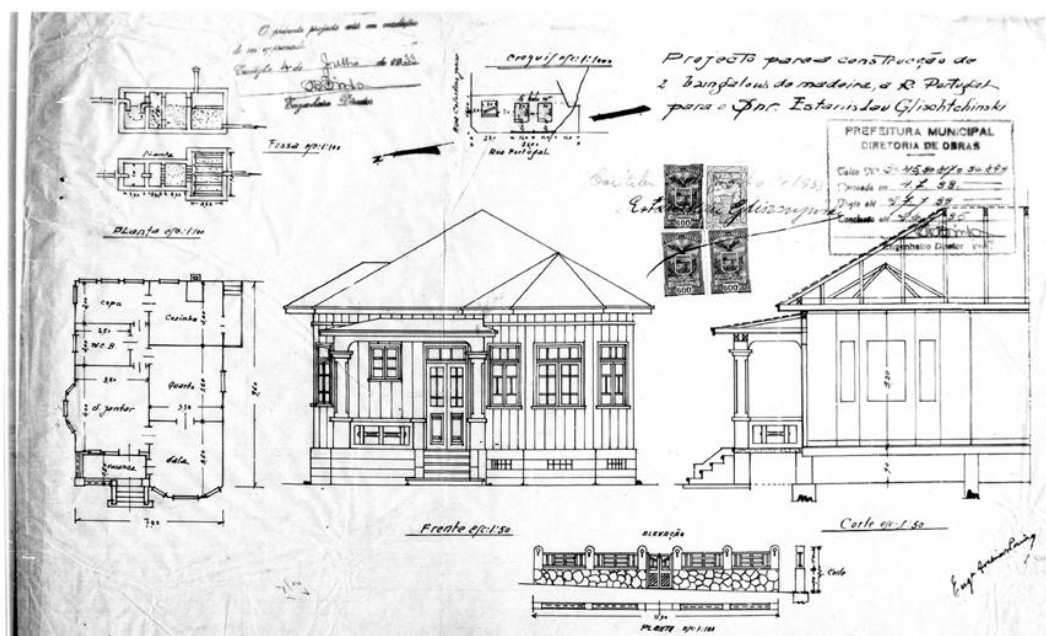


Projeto para um Bungalow para o Sr. Berthold Körbel, 1933, Rua Moyses Marcondes. Fonte: Departamento de Arquivo Público Municipal — Curitiba.

O Eng. Archias Pereira projetou dois “bungalows” para o Sr. Estanislau Glischchinski à Rua Portugal esquina Celestino Jr., repetindo o esquema lado a lado — o que significa investimento para renda, provavelmente dirigido a estratos de classe média. Nesse caso, mais sofisticado: “bay-window” na sala de visitas e outra na sala de jantar, banheiro interior, copa, cozinha e quarto, em casas compactas de 67 m².

11

Figura 7



Projeto para um Bungalow para o Sr. Estanislau Glischchinski, 1933, Rua Portugal esq. Celestino Jr., Eng. Archias Pereira. Fonte: Departamento de Arquivo Público Municipal — Curitiba, req. 234.

A série anual sugere um ritmo particular: o crescimento de licenças totais na década de 1930 não elimina a madeira; ao contrário, a mantém em patamares elevados — em 1937: 239 casas de madeira em 641 licenças (37,29%). Isso indica que a madeira continua competitiva mesmo em fase de maior intensificação urbana, funcionando como solução rápida e economicamente atrativa para frentes de expansão. O dado é coerente com o caráter industrial da cadeia madeireira regional e com a disponibilidade de componentes serrados padronizados, que encurtam prazos de obra e favorecem a repetição de módulos. Esse "regime de componentes" transparece nos próprios desenhos: tabuado vertical, cobertura como elemento definidor da volumetria, e sinais de modernização de uso — banheiros internos, copa, despensa, grandes vãos com venezianas e saliências volumétricas. A madeira, aqui, não é apenas "material"; é sistema arquitetônico capaz de incorporar dispositivos de ventilação, iluminação e representação.

Em termos urbanos, desponta a associação recorrente entre esses tipos e lotes em bairros em expansão, em que a casa isolada no lote — com recuo frontal, jardim e varanda — vem colorir e alegrar, em escala modesta, a incorporação de novas áreas de subúrbio em desenvolvimento. A fotografia de Wischral, ao mostrar alinhamentos descontínuos, cercas, jardins e a repetição de casas de pequeno porte em madeira, oferece uma evidência visual desse regime de urbanização: uma cidade que cresce por adição de pequenas unidades, muitas vezes construídas para renda, e que tem na madeira seu meio técnico mais disseminado.

12

5. FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DOS TIPOS ARQUITETÔNICOS

A análise da documentação de licenciamento permite passar do dado empírico à interpretação arquitetônica propriamente dita. Em lugar de buscar "modelos", é possível reconhecer princípios formais e construtivos que funcionam como meios operativos — tipos — capazes de gerar obras diversas. O tipo, conforme Argan, é histórico: condensa técnicas, funções e valores sociais em determinada conjuntura. Nos projetos de padrão econômico predominam plantas mínimas e repetitivas; nos de padrão médio, como os "bungalows" dos anos 1930, surgem refinamentos localizados — banheiro interno, copa, diferenciação entre estar e jantar — sem ruptura da matriz tipológica. A qualidade decorre menos da dimensão e mais da precisão compositiva de vãos e saliências, como ilustra a residência Körbel.

A presença de casas repetidas lado a lado, como no caso de Glischtchinski, permite observar uma dimensão de produção seriada no interior do próprio mercado urbano. A repetição do mesmo esquema no mesmo terreno implica padronização de peças, economia de escala e redução de incertezas no canteiro — o que também explica por que certos tipos se difundem: são tipos compatíveis com um regime técnico e econômico específico. Assim, a noção de tipo permite perceber a transição de valores

atribuídos à madeira: enquanto o repertório pioneiro enfatiza um código decorativo associado à tradição e à visibilidade, o "bungalow" compacto do entreguerras desloca a ênfase para a composição volumétrica e para o conforto interior. Essas camadas coexistem no período e podem aparecer na mesma edificação. É por isso que a noção de tipo — articulada ao vernáculo — é particularmente produtiva: ela permite explicar como uma cultura construtiva absorve repertórios, responde a normas e transforma os recursos materiais em linguagem arquitetônica.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise documental das casas de madeira de Curitiba entre 1920 e 1940 permite uma requalificação do debate sobre vernacular e popular no contexto urbano do Sul do Brasil. Em vez de supor que a casa de madeira seja expressão espontânea de uma tradição homogênea, esta abordagem demonstra que uma parcela relevante desse repertório é tecnicamente mediada e historicamente determinada. A leitura tipológica evidencia famílias de formas-tipo com permanências e variantes, cuja compreensão depende das condições efetivas de sua produção.

O vínculo entre arquitetura e exploração da araucária é fundamental. A expansão das serrarias e da infraestrutura ferroviária promoveu a oferta de madeira serrada e a disseminação das casas de madeira, ao mesmo tempo em que produziu o horizonte de esgotamento das florestas denunciado por Hoehne e aprofundado por Maack. As casas de madeira são simultaneamente produto de uma vasta disponibilidade de matéria-prima e testemunho material de um regime predatório que alterou profundamente a paisagem regional.

O valor cultural das casas de madeira não provém apenas da raridade de remanescentes ou da associação genérica a "tradições" de imigração, mas surge da compreensão de sua posição na história urbana de Curitiba e na história ambiental da araucária. Reconhecer a formação tipológica e as transformações materiais — incluindo casas mistas e de produção seriada — permite definir critérios de identificação, documentação e salvaguarda compatíveis com a realidade do acervo remanescente e sua diversidade. Sob esse aspecto, o arquivo municipal emerge como instrumento decisivo: ele restitui o repertório perdido, esclarece agentes e processos, e oferece base sólida para o estabelecimento de políticas de valorização da memória urbana e do patrimônio cultural.

7. AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Departamento de Arquivo Público Municipal de Curitiba, em especial à Kelton Bruno Sabatke e à Leandro Moraes Kotleski. Sem o acesso à documentação do arquivo e o apoio de seus responsáveis este trabalho não seria possível.

8. REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. Progetto e destino. Milano: Il Saggiatore, 1965.

CANIGGIA, Gianfranco; MAFFEI, Gian Luigi. Interpreting basic building. Firenze: Alinea, 2001.

CURITIBA HISTÓRICA. Bacacheri – Década de 1930 (foto de Arthur Wischral). Disponível em: <<https://www.curitibahistorica.com.br/>>. Acesso em: 07 fev. 2026.

CURITIBA HISTÓRICA. Vila Guaíra – Década de 1930 (foto de Arthur Wischral). Disponível em: <<https://www.curitibahistorica.com.br/>>. Acesso em: 07 fev. 2026.

GAZETA DO POVO. A história de Curitiba nas imagens de Arthur Wischral. 31 maio 2011. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/>>. Acesso em: 07 fev. 2026.

HOEHNE, Frederico Carlos. Araucarilândia. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1930.

MAACK, Reinhard. Geografia física do Estado do Paraná. Curitiba: Max Roesner, 1948.

MURATORI, Saverio. Studi per una operante storia urbana di Venezia. Roma: Istituto Poligrafico dello Stato, 1960.

OLIVER, Paul (org.). Encyclopedia of vernacular architecture of the world. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

QUATREMÈRE DE QUINCY, Antoine-Chrysostome. Dictionnaire historique de l'architecture. Paris: Librairie d'Adrien Le Clère et Cie., 1832.

RUDOLFSKY, Bernard. Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture. New York: Museum of Modern Art, 1964.